

IDENTIDADE DA ORGANIZAÇÃO-CIDADE DE CURITIBA: ESTUDO HISTÓRICO DA PRIMEIRA GESTÃO DE JAIME LERNER

Fabio Vizeu (UP e UNINTER) - fabio.vizeu@gmail.com

Ubirajara Morgado (Instituição - a informar) - ubirajara.morgado@ig.com.br

Resumo:

Uma das principais problemáticas nos Estudos Organizacionais compreende a análise da identidade (FERNANDES; MARQUES; CARRIERI, 2009; BEYDA; MACEDO-SOARES, 2010; WHETTEN; GODFREY, 1998). No presente estudo, nosso foco será na identidade sob uma perspectiva coletiva, enquanto fator de especificidade de toda uma sociedade, a que representa os cidadãos em uma cidade. Neste sentido, a literatura reconhece a influência da identidade sobre o conceito de organização, o que será tomado aqui a partir de uma visão particular proposta por estudos recentes, sobre o conceito de "organização-cidade" (MAC-ALLISTER, 2001; 2004; FISCHER, 1997; SARAIVA; CARRIERI, 2012; FERNANDES; MARQUES; CARRIERI, 2009). Neste trabalho consideraremos como ator central de mobilização do processo de construção da identidade organizacional o gestor público. Partimos da premissa de que, diante de tantas outras importantes áreas de interação social, a administração pública se destaca pelo seu papel decisivo no cotidiano da cidade (SARAIVA; CARRIERI, 2012; MAC-ALLISTER, 2001), especialmente pelo fato de ser esta a esfera de execução transformações de grande impacto na identidade da organização-cidade, como por exemplo as políticas públicas de urbanização e legislação municipal. Assim sendo, é na figura pública do ex-prefeito da cidade de Curitiba Jaime Lerner, especificamente quanto as suas ações na sua primeira gestão à frente da prefeitura, que data os anos entre 1972 a 1975, iremos lançar o nosso olhar sobre o processo de constituição da identidade organizacional da organização-cidade de Curitiba.

Partimos de um corte histórico delimitado para investigar o processo de construção da identidade da organização-cidade de Curitiba. Este foi determinado a partir da importância atribuída a uma figura pública específica, como um grande realizador de mudanças que proporcionaram vários aspectos que rondam o imaginário popular como caracterizando a identidade da organização-cidade de Curitiba, o ex-prefeito Jaime Lerner (VIACAVA, 2009; SANCHEZ, 1997; 1999; OLIVEIRA, 2001; MOURA, 2007; 2014).

Entre os anos de 1971 e 1975, o gestor público de Curitiba implantou diversos projetos que estavam na "geladeira", ou seja, projetos que foram criados, mas não tiveram a oportunidade de serem colocados em prática (SANCHEZ, 1999). Assim

sendo, neste período houve uma profusão de obras implantadas, tais como o parque Barigui, o sistema viário das canaletas exclusivas de ônibus, o calçadão da rua XV e o parque São Lourenço, que mudaram a concepção e a identidade do cidadão curitibano. Eram novidades muito impactantes no contexto da época. Isto posto, podemos definir o problema de pesquisa do presente estudo da seguinte maneira:

Como a primeira gestão do Prefeito Jaime Lerner contribuiu para o processo de formação da identidade da organização-cidade de Curitiba?

Através da análise de conteúdo dos textos produzidos pela imprensa escrita (Jornal A Gazeta do Povo), complementados por documentos e estudos realizados que integram o acervo do Instituto Jaime Lerner (IJL), estudaremos como a identidade coletiva foi sendo moldada a partir da gestão da "organização-cidade", conforme mencionado no problema de pesquisa exposto anteriormente.

Palavras-chave: *Identidade Organizacional; Organização-cidade; Curitiba; Jaime Lerner; Pesquisa Histórica*

Área temática: *GT-02 O Lugar do Espaço nos Estudos Organizacionais: Espacialidades, Materialidades, Territorialidades*

IDENTIDADE DA ORGANIZAÇÃO-CIDADE DE CURITIBA: ESTUDO HISTÓRICO DA PRIMEIRA GESTÃO DE JAIME LERNER

As organizações são consideradas como entidades importantes em nossa sociedade. Constituídas por diferentes aspectos de natureza subjetiva e concreta, as organizações também são espaços sociais nos quais as pessoas compartilham suas formas comuns de agir, pensar e sentir. É desta maneira que se pode pensar em comportamentos organizacionais como algo que está sempre inserido em uma realidade social específica e historicamente constituída. Por isso mesmo, as organizações como sistemas sociais e humanos exercem papel fundamental na construção de toda sociedade contemporânea. Desta forma, as organizações são atores sociais ativos na construção da sociedade, bem como, da própria realidade (BERGER; LUCKMANN, 2004).

Uma das principais problemáticas nos Estudos Organizacionais compreende a análise da identidade (FERNANDES; MARQUES; CARRIERI, 2009; BEYDA; MACEDO-SOARES, 2010; WHETTEN; GODFREY, 1998). No campo dos estudos relativos a fenômenos sociais contemporâneos, encontramos um amplo entendimento sobre identidade. Esta se expressa tanto do ponto de vista pessoal, quanto em termos de grupos, organizações e sociedades, através da constituição da individualidade na interação social e tendo por referência o a dimensão cultural (NOGUEIRA, 2007). Isso se dá pela conexão entre práticas individuais (singulares) e as ações coletivas (plurais).

Por conta disso, nosso foco será na identidade sob uma perspectiva coletiva, enquanto fator de especificidade de toda uma sociedade, a que representa os cidadãos em uma cidade. Neste sentido, a literatura reconhece a influência da identidade sobre o conceito de organização, o que será tomado aqui a partir de uma visão particular proposta por estudos recentes, sobre o conceito de "organização-cidade" (MAC-ALLISTER, 2001; 2004; FISCHER, 1997; SARAIVA; CARRIERI, 2012; FERNANDES; MARQUES; CARRIERI, 2009).

Neste trabalho consideraremos como ator central de mobilização do processo de construção da identidade organizacional o gestor público. Partimos da premissa de que, diante de tantas outras importantes áreas de interação social, a administração pública se destaca pelo seu papel decisivo no cotidiano da cidade (SARAIVA; CARRIERI, 2012; MAC-ALLISTER, 2001), especialmente pelo fato de ser esta a esfera de execução transformações de grande impacto na identidade da organização-cidade, como por exemplo as políticas públicas de urbanização e legislação municipal.

Assim sendo, é na figura pública do ex-prefeito da cidade de Curitiba Jaime Lerner, especificamente quanto as suas ações na sua primeira gestão à frente da prefeitura, que data os anos entre 1972 a 1975, iremos lançar o nosso olhar sobre o processo de constituição da identidade organizacional da organização-cidade de Curitiba.

Partimos de um corte histórico delimitado para investigar o processo de construção da identidade da organização-cidade de Curitiba. Este foi determinado a

partir da importância atribuída a uma figura pública específica, como um grande realizador de mudanças que proporcionaram vários aspectos que rondam o imaginário popular como caracterizando a identidade da organização-cidade de Curitiba, o ex-prefeito Jaime Lerner (VIACAVA, 2009; SANCHEZ, 1997; 1999; OLIVEIRA, 2001; MOURA, 2007; 2014).

Entre os anos de 1971 e 1975, o gestor público de Curitiba implantou diversos projetos que estavam na "geladeira", ou seja, projetos que foram criados, mas não tiveram a oportunidade de serem colocados em prática (SANCHEZ, 1999). Assim sendo, neste período houve uma profusão de obras implantadas, tais como o parque Barigui, o sistema viário das canaletas exclusivas de ônibus, o calçadão da rua XV e o parque São Lourenço, que mudaram a concepção e a identidade do cidadão curitibano. Eram novidades muito impactantes no contexto da época.

Isto posto, podemos definir o problema de pesquisa do presente estudo da seguinte maneira:

Como a primeira gestão do Prefeito Jaime Lerner contribuiu para o processo de formação da identidade da organização-cidade de Curitiba?

Através da análise de conteúdo dos textos produzidos pela imprensa escrita (Jornal A Gazeta do Povo), complementados por documentos e estudos realizados que integram o acervo do Instituto Jaime Lerner (IJL), estudaremos como a identidade coletiva foi sendo moldada a partir da gestão da "organização-cidade", conforme mencionado no problema de pesquisa exposto anteriormente.

Revisão Teórica sobre Identidade

No campo dos estudos relativos a fenômenos sociais encontramos uma farta produção sobre identidade. Isso se dá pela necessidade por uma melhor compreensão sobre as práticas humanas, seja do ponto de vista individual, quanto do coletivo. Aqui caberá a ênfase de nossos estudos na identidade de coletividades, especialmente, nos contextos organizacionais e societários. Interessante notar que, quando buscamos informações sobre a temática da identidade, quase todas as referências vêm de países como os Estados Unidos, França ou Inglaterra, nos obrigando a buscar naquelas fontes os referenciais que precisamos (BACKES, 2012). As discussões sobre o conceito de identidade vêm sendo investigados pela filosofia, psicologia, psicanálise, sociologia, antropologia e, mais recentemente, pela teoria organizacional. Nesta diversidade de campos de conhecimento, encontramos diferentes formas de análise quando nos referimos ao estudo das identidades: Identidade pessoal, identidade social, identidade no trabalho, identidade organizacional, identidade cultural, entre outros termos.

No que se refere a etimologia do termo identidade, Souza e Carrieri (2012, p. 41) apresentam a seguinte definição:

Identidade é uma palavra originária da lógica, álgebra e filosofia clássica, que se estendeu por diferentes campos científicos e escolas de pensamento, ganhando novos significados. Derivada dos vocábulos latinos 'idem' e 'identitas', que significam 'o mesmo', e 'entitas', que significa 'entidade'. (...)

Embora a utilização popular denote sentido de permanência, uniformidade e continuidade, em sua origem filosófica, o conceito de identidade se refere à propriedade de algo ser idêntico a si mesmo, se diferenciando automaticamente dos demais.

A primeira abordagem que se deve fazer de identidade diz respeito à identidade das pessoas. Neste sentido, é importante considerar que a identidade sob uma ótica individual está relacionada com a própria trajetória das pessoas em sua vida. Como sugerem Miranda et al (2015, p. 357):

Para compreender a construção de identidades é necessário entender os modos de constituição dos sujeitos por meio dos processos de socialização. Durante toda vida, os indivíduos vivenciam e aprendem diversos comportamentos, os quais, de alguma maneira, passam a ser reproduzidos socialmente. É por meio da socialização que as identidades são construídas e reconstruídas. Por isso, torna-se necessário apresentar uma compreensão do que é socialização.

Esse processo de construção da identidade pela socialização não é necessariamente entendido como algo que as pessoas assumem passivamente, já que é o próprio sujeito quem decide por qual grupo deseja se identificar (ARRUDA; PEREIRA, 2012). Contudo, essa primeira ideia do processo de identidade como algo fundamentado em influência do social sobre o individual nos leva a crer que a mesma pode ser um processo que diga respeito a um poder exercido sobre indivíduos ou mesmo grupos e, com isso, justificar e legitimar o social (ordem e dinâmica).

Identidade organizacional, por sua vez, é um conceito que surge como consequência do desdobramento das pesquisas sobre identidade no campo dos estudos organizacionais (BEYDA; MACEDO-SOARES, 2010). De modo geral, o pressuposto que baseia essa área é que as organizações e seus grupos são categorias sociais e, portanto, existe em seus membros a percepção de que são membros dela. De forma significativa, portanto, as organizações existem na mente de seus membros e a identidade organizacional é parte da identidade individual deles (BOULART; LANZA, 2007). As necessidades e comportamentos são coletivos e a ação dos membros da organização é influenciada por suas autoimagens organizacionais.

A identidade organizacional envolve a atividade, o processo e o acontecimento, onde a organização se torna específica na mente de seus integrantes. Ele se constrói, dia após dia, quando o indivíduo vai internalizando a crença de que a organização na qual está inserido é a mesma que era ontem, simbolizando a sua existência temporal.

Muitos estudos sobre identidade organizacional têm se baseado no texto seminal de Albert e Whetten (*apud* NOGUEIRA, 2007). Apesar de representar uma visão instrumentalizada do fenômeno, a proposta de Albert e Whetten representa um marco nos estudos de identidade organizacional, pois permitiu a realização de estudos empíricos sobre o tema.

Albert e Whetten (*apud* NOGUEIRA, 2007; WHETTEN; GODFREY, 1998; FERNANDES; MARQUES; CARRIERI, 2009) ressaltam que a identidade organizacional tem três dimensões:

- (1) a definida pelos membros da organização, que é a **central**;
- (2) o que **distingue** a organização de outras;
- (3) o que é percebido como traço **contínuo**, ligando o passado ao presente.

Nessa perspectiva, Machado-da-Silva e Nogueira (2007), ao estudarem a identidade organizacional, procuraram destacar os seus aspectos **distintos** e **duradouros**, para interpretar, a partir deles, as referidas identidades. Por outro lado, quando falamos sobre o critério da **centralidade** estamos nos referindo ao que está igual dentro de uma organização. Acredita-se que tais elementos possam ser encontrados de maneira eficiente nos valores, missão e visão das empresas.

Ao discorrermos sobre a **distintividade**, facilmente percebemos que esta organização está à procura das diferenças que possa existir com as demais organizações. Estudos sobre estratégia empresarial, por exemplo, têm se baseado na pergunta: o que é distintivo na organização, tornando-a única? (BARNEY; HESTERLY, 2007) Como esta organização pode ser comparada com as demais existentes no setor em que atua? (PORTER, 1986)

Por ultimo, ao citarmos a expressão **duradouro**, nada mais nos referimos do que as características da organização que se mantêm estáveis no tempo. Na verdade, esta noção de perenidade no tempo é fundamental, pois se relaciona com o estado psicológico que o membro da organização assume diante da identidade da organização. Como afirma Nogueira (2007, p. 84):

O senso compartilhado de continuidade da organização pode estar amparado na percepção de continuidade proporcionada pelos discursos e narrativas que operam a estabilidade da ordem social ou grupal, interrelacionados aos hábitos e aos recursos de comunicação (ex.: figuras conceituais, metáforas, signos e outros) adotados por eles.

Por outro lado, a identidade organizacional também corresponde a identificação que o membro tem em relação à organização. Não existe identidade sem identificação. Se um individuo deseja se afiliar a determinada organização, aí encontramos a identificação organizacional. Nesse sentido, a **identificação** é, por vezes, utilizada como sinônimo de **compromisso**, embora ela seja mais internalizada do que este e possa engendrar aderência a valores e normas grupais, assim como homogeneidade de atitudes e comportamentos. Finalmente, esses três critérios que são utilizados para definir, construir, identidade organizacional estão intrinsecamente ligados ao conceito de cultural organizacional (MACHADO, 2005). Conforme sugerem Machado-da-Silva e Nogueira (2000), ambos os conceitos se constituem, e não podem ser disassociados. Na visão de HATCH (1997) existe essa associação, pois se os valores de uma organização são condizentes e possuem o poder de atrair individuos que deles se identifiquem, há o fornecimento de uma base de significação que proporciona conectividade. Também Machado-da-Silva e Nogueira (2000) consideram que cultura estabelece uma identidade aos que participam e interagem em uma forma de ser.

O processo dinâmico da cultura organizacional cria a identidade organizacional (MACHADO, 2005; HATCH, 1997). As imagens que se tem da identidade organizacional são construídas e comunicadas com o auxílio do material simbólico que a cultura provê. Mas qual a real razão para correlacionar cultura, identidade e imagem? Caldas e Wood Jr. (1997) consideram que a identidade organizacional sofre influências externas, por meio do processo de formação de imagens.

Já Nogueira (2007) afirma que existe sim uma clara diferenciação entre o que é identidade organizacional e o que é imagem organizacional. Quando falamos da identidade, falamos na visão interna da empresa. Já a imagem organizacional, além de colaborar com a formação da primeira, da identidade organizacional, está ligada a uma visão externa e riscos para esta imagem, podem prejudicar a identidade organizacional.

Apesar de distintos, existe uma complementaridade entre a identidade organizacional e a imagem organizacional. Assim pode-se conciliar os entendimentos internos e externos sobre a organização (CALDAS; WOOD JR., 1997). Usualmente, encontramos que podemos também chamar a imagem corporativa de identidade visual, pois se utiliza de recursos visuais para se estabelecer tal critério de identificação externa. Além disso, a identidade organizacional cria um senso de identificação entre os membros da organização (central), enquanto a identidade corporativa estimula a diferenciação da empresa no mercado (distintiva).

O conceito de identidade organizacional aqui utilizado (ou seja, o que se crê ser **central, distintivo e duradouro**) e o conceito de imagem externa construída (o que se crê que seja a percepção dos não integrantes a respeito da organização) influenciam a conexão cognitiva que os indivíduos mantêm com elas e os tipos de comportamentos que adotam. Assim, se uma filiação ou participação em uma organização confere atributos positivos, os participantes tenderiam a ressaltá-los; se conferem atributos negativos ou indesejáveis, isso poderia estar relacionado com manifestações, atitudes e sentimentos pessoais de inconformidade (ex.: ceticismo, agressivo, apatia).

Outra associação importante foi estabelecida por Davel e Machado (2001) entre a liderança e a identificação nas organizações contemporâneas. Trata-se de uma abordagem da liderança alicerçada sobre questões políticas, cognitivas e emocionais, envolvendo constantemente reconhecimento e consentimento. Esse enfoque de estudos demonstra que a identidade e a liderança são fenômenos a serem estudados em conjunto, principalmente no ambiente de trabalho atual, orientado para a valorização da autonomia do indivíduo e do trabalho em grupo.

Sobre esta relação entre liderança e identidade organizacional, Esther (2014, p. 232) afirma o seguinte: “Deste ponto de vista, espera-se que a liderança seja capaz de dar aos indivíduos um senso de compreensão do que se está fazendo, bem como articulá-los para que possam se comunicar sobre o sentido de seus comportamentos”. Em outras palavras, o líder seria uma espécie de administrador de sentido, na medida em que seu conhecimento sobre as necessidades individuais

das pessoas sob seu comando poderia ser utilizado para lhes fornecer um meio de alcançar satisfação e sentimento de identidade (BERGAMINI, 1994).

Passados mais de 25 anos desde que o trabalho de Albert e Whetten foi concluído, trabalho aquele que ampliou o potencial explicativo das teorias de identidade, não apareceram muitos novos estudos que explorassem esse tema no Brasil, principalmente quando o tema tenha a dimensão espaço físico e simbólico. Como ressaltam Saraiva e Carrieri (2012), quem veio e acrescentou algo novo foi Fischer (1994), que evidencia o espaço organizacional está permeado de significados que permitem e auxiliam a construção de uma identidade organizacional. Esta introdução em que o espaço organizacional é tratado, introduz o conceito de organização-cidade.

O conceito de 'organização-cidade'

Existe nos estudos organizacionais a necessidade e, porque não dizer importância, em se compreender a cidade como objeto de estudo (MAC-ALLISTER, 2004). Conforme sugerem Saraiva e Carrieri (2012) e Mac-Allister (2004) no Brasil, tal conceito foi introduzido por Fischer (1997). Sobre isso, a autora considera o seguinte: "O uso da cidade como objeto de análise abre possibilidades interessantes de se contribuir para o estudo de organizações complexas, temática de alta relevância nos estudos contemporâneos mais densos sobre organizações" (FISCHER, 1997, p. 14)

É esta visão de Fischer (1997) sobre a cidade como referência para Estudos Organizacionais e de Administração Ainda de acordo com a autora, é a noção de cidade estratégica que passa a exigir, concomitantemente, orquestração e consenso, negociação e gestão de conflitos, visibilidade e construção de identidades, além de sustentabilidade e busca de autonomia. Assim sendo, a cidade passa a construir e reconstruir no tempo as identidades; a produzir e refletir significados.

Na verdade, o conceito de "organização-cidade" (MAC-ALLISTER, 2001) abriga a mesma estrutura e complexidade que as organizações formais e informais nela contidas. Como apontam Saraiva e Carrieri (2012), o cotidiano da organização é permeado por inúmeros acontecimentos de ordem não formal que se entrecruzam, fazendo com que no meio organizacional existam, necessariamente, dimensões além da mera prescrição funcionalista.

Assim encontramos na ideia de "organização-cidade" tanto os aspectos estruturais formais do conceito convencional de organização, quanto os aspectos simbólicos e culturais, fundamentais para a compreensão da organização enquanto manifestação da subjetividade (HATCH, 1997).

Para se dar um sentido a uma cidade, deve-se atentar ao sentido que a ela se atribui. Os cidadãos observam, percebem e a interpretam seu contexto, o que implica em uma formação da memória através dos seus espaços, de suas falas, e lembranças. A organização-cidade se refere especialmente a esse sentido, que é diferente de um amontoado de prédios, avenidas e veículos (FISCHER, 1997; MAC-ALLISTER, 2004). Portanto, a cidade é muito mais que isso e, olhada em uma forma

mais ampla, pode ser enxergada como uma cidade-organização, compreendida por meio de significação de seus membros e outros atores.

Essa entrada da cidade como objeto de estudo no campo organizacional é que define o sentido do termo "organização-cidade". Fischer (1996) propõe que cidades e organizações convencionais tem em comum a complexidade, a diversidade, a singularidade, a contradição e a ambiguidade. O entendimento leva a que uma cidade pode ser entendida como uma megaorganização, abrangendo espaços e ciberespaços que são apropriados por outras organizações, sejam elas reais ou imaginárias, concretas ou simbólicas, das mais simples às mais complexas. Segundo Fischer (1997, p. 77),

a cidade é constituída por um sem-número de organizações que, vistas em conjunto, formam um todo maior e mais complexo do que a soma das partes, integrando diferentes dimensões de espaço e tempo que nem sempre convivem em harmonia. Multifacetados e policromáticos são estes universos organizacionais. No mesmo espaço urbano podem conviver organizações palpáveis, visíveis e permanentes no tempo, como um shopping center, uma fábrica, uma prefeitura ou um centro cultural; microorganizações, como vendedores ambulantes; organizações momentâneas, como uma passeata (já se pensou o quanto de providências e gestão exige uma passeata?); organizações intermitentes, como um time de futebol de domingo. Todas elas podem conviver no mesmo espaço em tempos distintos, mas dentro de um mesmo grande marco "identitário", ainda que frágil.

E quando adentramos no estudo da "organização-cidade" verificamos que possui tantos aspectos estruturais formais quanto simbólicos. Em relação aos aspectos formais, assumimos que são passíveis de gerenciamento; a estes encontramos formas específicas, como o caso da Administração Pública oficial, representada pela organização 'prefeitura'. Todavia, a essa dimensão formal escapa muito do caráter subjetivo dos que atribuem significados aos fatos sociais e organizacionais. É por isso que a concepção de "organização-cidade" trata particularmente dos aspectos simbólicos da cidade. Sobre este ponto, Saraiva e Carrieri (2012, p. 551) concebe-a como "um projeto de produção de espaço urbano em um contexto geográfico permeado por uma dinâmica sociossimbólica territorial".

Para melhor entendimento do conceito "organização-cidade", vejamos o caminho percorrido por uma das autoras centrais nos Estudos Organizacionais brasileiros. Mac-Allister (2004) propôs o termo com base no conceito de signo tal qual considerado pela prática semiótica. Para esta definição, Mac-Allister se baseou em Roncayolo (*apud* Mac-Allister, 2004), que considera que, a partir de uma representação ou um conjunto de representações, os signos da cidade terminam por mesclar duas realidades distintas: a dos habitantes e a dos produtores do espaço. A autora enfatiza que as representações da cidade devem passar dos produtores do espaço — modelos construídos pelos urbanistas — a dos habitantes e cidadãos. Neste sentido, segundo Roncayolo (*apud* MAC-ALLISTER, 2001, p. 136), os cidadãos de uma cidade "[enquanto] atores passivos ou, embora dominados, são capazes de modificar, graças às suas práticas, o sentido atribuído [pelos urbanistas] aos objetos e aos locais urbanos". Assim sendo, as representações da cidade são

divididas entre as representações dos produtores de espaço (urbanistas e gestores) daquelas construídas pelos cidadãos.

Aqui cabe uma ressalva, que encontra paradoxo em nosso estudo, pois o produtor de espaço aqui citado, Lerner, além de urbanista foi também gestor público (prefeito de Curitiba). Mas é importante notar que nosso foco não se caracterizará apenas em sua representação da organização-cidade; como sugere Mac-Allister (2004), também devemos considerar a identidade organizacional a partir das representações de outros membros e/ou usuários da organização-cidade. Neste sentido, também serão considerados as representações dos habitantes (cidadãos), turistas e outros frequentadores, demonstrando a cidade como um processo representativo de vários e diferentes sujeitos, representando grupos de indivíduos em uma infinidade de tempos e de espaços, conforme propôs Mac-Allister (2004). A autora sustenta ainda que é nesse campo de conhecimento da semiótica sobre a construção de diferentes sentidos que se pode interpretar a representação da cidade como um processo atribuído por um sem-número de indivíduos e grupos sociais em seus diversos tempos e espaços na produção de signos, linguagens e, em última instância, de linguagem da cidade ou linguagem urbana.

Da mesma forma que ocorre em organizações convencionais, a organização-cidade é um conceito que está intrinsecamente relacionado com a questão cultural. Neste sentido, Mac-Allister (2004) aponta para a cultura cidadina como um conjunto que abraça diversas outras culturas que interagem entre si, criando, entre outros elementos, sentimentos e perspectivas comuns. Esse entendimento da relação entre cultura e a organização-cidade também é defendido por Saraiva e Carrieri (2012). De acordo com estes autores, vale ressaltar a importância do simbólico para explicar ambos, revelando-se, a partir destes elementos, tanto a estrutura e quanto o tecido urbano. O processo de análise da dimensão simbólica da organização-cidade implica em revelar como esses símbolos são criados, para quem e por quem. De acordo com estes autores, a cultura é apreendida na dimensão simbólico a partir da teia de significados, conforme sugere o seguinte trecho:

[a cultura] constitui-se, portanto, em significações e ressignificações simbólicas contínuas que podem ocorrer em diversos níveis e direções simultaneamente em um dado contexto. Se apresenta uma complexidade notável em organizações em moldes tradicionais, a dinâmica simbólica adquire caráter muito peculiar quando observada em uma organização-cidade. (SARAIVA; CARRIERI, 2012, p. 548)

Portanto, existe uma interação, em uma "organização-cidade", entre os indivíduos e os seus grupos sociais, criando uma cultura baseada em uma malha identitária comum. Por outro lado, assumir que o conceito de organização-cidade permite compreender de forma mais acurada a dinâmica urbana e a constituição da própria cultura compartilhada, significa ter em mente que a análise organizacional revela muitas possibilidades de observação da vida social organizada. O ser humano vive em um complexo mundo material e simbólico que, conforme suas adaptações e interpretações, revela uma cultura multifacetada e que está relacionada ao próprio elemento definidor da vida, não por meio de pressões de ordem material, mas de acordo com um sistema simbólico previamente definido

(SARAIVA; CARRIERI, 2012). É essa dimensão simbólica que revela a complexidade das organizações, que existe tanto naquelas do tipo tradicional quanto em uma organização-cidade. Contudo, nesta última, essa dinâmica simbólica assume um caráter peculiar. Isso devido ao papel central dos agentes e representantes dos poderes públicos (executivo e legislativo) que, ao atuarem diretamente sobre a construção de mecanismos diretos ou indiretos de construção e condução deste processo coletivo de constituição da tessitura simbólica da organização-cidade, tornam-se peças importantes na determinação desta complexidade organizacional e, conseqüentemente, na própria identidade da organização.

Esse processo constituição de uma cultura própria à organização-cidade é denominado por Mac-Allister (2004) como o elemento definidor do próprio conceito. Conforme sugere a autora:

O objeto cidade quando tomado como objeto de estudo no campo de Estudos Organizacionais é conceituado como organização social no que se refere a um conjunto de organizações sociais e indivíduos não organizados que se situa no tempo e no espaço, tem grandes dimensões e alta complexidade, processa coletivamente, e ainda que incorporando processos individuais e, continuamente, uma cultura, possui, como resultado desse processo, uma identidade cultural tanto relativa à totalidade da cidade quanto à gestão desta totalidade. (MAC-ALLISTER, 2004, p. 175)

É neste sentido que Mac-Allister (2004), Saraiva e Carrieri (2012) e mesmo Fischer (1997) entendem que a cidade é mais do que um aglomerado de pessoas sobre um dado espaço geográfico tem uma dinâmica processual coletiva alimentada continuamente por componentes individuais e culturais que implicam a construção de uma identidade local, o que se refere à cidade em si e à gestão desse complexo. Considerando as particularidades do objeto de investigação, ou seja, a cidade de Curitiba, o conceito de organização-cidade, mais do que adequado, é muito útil para a construção de uma perspectiva de observação local.

Além disso, a argumentação em torno do objeto Curitiba como "organização-cidade" toma referência estudos realizados por outros autores (citados por Mac-Allister [2004]). Nestes estudos, a categoria de análise é apreendida por uma complexa dinâmica de elementos simbólicos, os quais constituem categorias discursivas que emergiram da análise de depoimentos e outras fontes que compõem o corpus textual dos dados de campo. Em nosso estudo, este será constituído por importantes dimensões discursivas caracterizada pelos seguintes elementos: a história da cidade; a cidade em si como referência e representação no imaginário popular; sua relação com outros lugares; a visão e percepção do curitibano, que alimenta, no nível individual e coletivo, a dinâmica urbana; e a visão dos outros (os forasteiros), e como esta se incorpora a tal organização-cidade.

Entendemos, assim, que o território trata do significado do espaço, enunciando-se definições relativas a apropriação, relações de poder e afetividade (entre outros) (DAMATTA, 1984). Assim sendo, o conceito de território é fundamental para esta análise, visto que está intrinsecamente relacionado com o de

espaço, de lugar e o poder que os permeia. Finalmente, quando nos referimos ao termo "lugar", essa palavra indica uma determinada relação de afetividade, implicando, portanto, em um sentimento de posse e pertencimento. Ou seja, os espaços representam a percepção do indivíduo em relação ao social (DAMATTA, 1984). Isso corrobora a idéia que foi apresentada anteriormente, quando se relatou que o espaço é um símbolo que assume diferentes significados, de acordo com o indivíduo, ou com o grupo, relacionando-se a sua história de vida, a sua identidade.

Os conceitos de territorialidade e de identidade são análogos, com aplicação plausível tanto ao nível individual quanto ao grupo e também em diferentes escalas (local, regional, nacional, etc). O sentimento de pertencer, de identidade espacial, seria o definidor da territorialidade. Ao mesmo tempo, a noção de território confere sentido ao conceito de identidade. O espaço fornece símbolos e imagens que materializam a identidade e tais elementos são incorporados pelos sujeitos que nele se relacionam. Dessa forma, cria-se entre aqueles que dividem o mesmo território uma tomada de consciência política, fundada em um sentimento de cumplicidade e de identificação. (PIMENTEL; CARRIERI, 2011)

Por último, este estudo visa uma maior e abrangente reflexão sobre este complexo processo identitário, ou seja, o que é identidade, visto que a identidade é um fenômeno longe de ser esgotado na agenda dos estudos organizacionais. Isso se deve tanto à sua complexidade intrínseca, dado o fato de que as possibilidades de identificação são múltiplas e variadas, quando em virtude de seu dinamismo, uma vez que se reconfigura continuamente, como um fenômeno simbólico típico (SARAIVA; CARRIERI, 2012).

Procedimentos Metodológicos

Optamos pelo delineamento do estudo de caso, tratado a partir de um recorte histórico, que tem como foco central a primeira gestão do ex-prefeito Jaime Lerner, que ocorreu entre os anos de 1971 e 1974.

Em termos de delimitação e escopo, este trabalho apresenta uma natureza qualitativa, com propósito descritivo e interpretativo. Na pesquisa qualitativa, um pressuposto considerado é o fato de que existem várias realidades subjetivas as quais podem ser compreendidas através dos atores estudados (BAUER; GASKELL, 2002). Estes, por sua vez, exercem ativamente seus papéis, sendo necessário descrever e analisar suas ações e outros aspectos do fenômeno social por meio das percepções e dos significados produzidos pelas suas próprias experiências (SPINK, 2000).

Em relação a sua natureza, trata-se de um estudo descritivo, pois o objetivo primordial está na descrição do fenômeno, que é o processo de formação da identidade na organização-cidade Curitiba no período de tempo relacionado a primeira gestão de Jaime Lerner. Por conta de ser um período que ocorreu a mais de quarenta anos, o método adotado será o de uma pesquisa histórica.

A escolha do objeto de análise historiográfica também se deu segundo critérios específicos. Neste sentido, nosso olhar se debruçará sobre duas referências: a cidade e o sujeito por trás da cidade. Ou seja, optamos por levantar aspectos

sobre a construção da identidade tendo por referência uma personalidade notável da organização-cidade, alguém cuja a própria identidade tem sido lembrada como intrinsecamente associada à organização-cidade de Curitiba, o ex-prefeito Jaime Lerner.

Faz parte do próprio imaginário da cidade a importância do gestor Jaime Lerner para a construção da identidade de Curitiba. Tendo cumprido três mandatos como prefeito, Jaime Lerner se notabilizou como um dos mais importantes gestores públicos do país, atingindo reconhecimento internacional por suas realizações, especialmente, aquelas desenvolvidas na cidade de Curitiba (MOURA, 2007; 2014; MENEZES, 1996).

Pelo reconhecimento de sua obra como gestor público e arquiteto frente a organização-cidade de Curitiba, Jaime Lerner recebeu diversos prêmios e títulos internacionais, com destaque para os seguintes: Prêmio Máximo das Nações Unidas para o Meio Ambiente (1990), UNICEF Criança e Paz (1996), o 2001 World Technology Award for Transportation, o 2002 Sir Robert Mathew Prize for the Improvement of Quality of Human Settlements, prêmio concedido pela União Internacional dos Arquitetos, e o Premio Volvo Environment Prize 2004. Em 2010, Lerner foi nominado pela revista Time um dos 25 Pensadores mais Influentes do mundo e, em 2011, em reconhecimento por sua liderança, visão e contribuição no campo da mobilidade urbana sustentável ele recebeu o prêmio Leadership in Transport Award, agraciado pelo International Transport Forum at the OECD.

Assim sendo, a linha organizadora de nossa narrativa histórica (BURKE, 1992) será a trajetória política de Jaime Lerner enquanto prefeito desta organização-cidade. De certo modo, assumimos a proposta metodológica de Thompson (2000) – sistematizada por Stefani e Vizeu (2014) – denominada por análise sócio-histórica, já que focamos na relação entre o contexto espaço-temporal e as personalidades autoras das formas simbólicas de determinado objeto de investigação social. Agindo assim, pretendemos reconstituir a própria relação entre a gestão e o processo de construção da identidade de uma organização-cidade.

Quanto ao corte histórico desta investigação, este foi definido a partir de um levantamento prévio em trabalhos que tratavam sobre a história da cidade de Curitiba e suas peculiaridades identitárias. Neste levantamento, encontramos os seguintes (quadro 1):

QUADRO 1: LEVANTAMENTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE CURITIBA

Autor	Título
Bega (1998)	Planejamento, espetáculo e a construção do cidadão consumidor
Carollo (2002)	Alfred Agache em Curitiba e sua visão de urbanismo
Camargo (2005)	Esculturas públicas em Curitiba e a estética autoritária
Menezes (1996)	Desenvolvimento urbano e meio ambiente
Moura (2007)	O turismo no projeto de internacionalização da imagem de Curitiba
Moura (2014)	Curitiba: construção e desconstrução de um mito
Nadalin (2001)	Paraná: ocupação do território, população e migrações
Oliveira (2001)	A trajetória do discurso ambiental em Curitiba (1960-2000)
Oliveira (2002)	Urbanização e industrialização no Paraná
Pereira (1997)	Semeando iras rumo ao progresso
Ribeiro (2005)	Planejamento urbano, espaços públicos de lazer e turismo no bairro Uberaba

	em Curitiba – PR
Sanchez (1997)	Cidade espetáculo: política, planejamento e city marketing
Sanchez (1999)	Curitiba: a imagem urbana revisitada – comunicação, cultura e Planejamento
Sanchez (2003)	A reinvenção das cidades para um mercado mundial
Viacava (2009)	Em busca da Curitiba perdida: os mecanismos da construção de um identidade curitibana
Wachowicz (1988)	História do Paraná

Fonte: Os autores

Neste sentido, segundo diversos autores (OLIVEIRA, 2002; SANCHEZ, 1999; OLIVEIRA, 2001; VIACAVA, 2009; MOURA, 2014), uma etapa importante na construção da identidade de Curitiba foi a primeira gestão de Jaime Lerner. Tendo sido arquiteto do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), Lerner tem a oportunidade no seu primeiro mandato com prefeito de concretizar vários dos projetos de urbanismo constituídos em grande parte dentro deste instituto. Da mesma forma, como sugere Sanchez (1999, p. 150), foi neste período que Curitiba passa a encontrar seus principais símbolos identitários, associados ao processo de modernização físico-espacial que foi impetrado por Lerner em seu primeiro governo:

Ao desenvolver a reflexão dos elementos-chaves que deram sustentação à imagem construída pudemos observar a centralidade atribuída à transformação físico-espacial da cidade na busca da modernidade urbana que passou [na primeira gestão de Lerner] a ser anunciada e demonstrada através das formas espaciais modernas. (...) Algumas intervenções urbanísticas foram tornadas símbolos da modernidade emergente: os 'setores estruturais' e o 'calçadão' da Rua das Flores (primeira via para pedestres no país). Estes elementos foram incorporados à imagem síntese da cidade na década de 70 e tiveram significativa importância simbólica no projeto urbanístico podendo ser interpretados também enquanto elementos da linguagem ou do novo texto urbano.

Assim sendo, enquanto pesquisa histórica, o presente estudo irá recuperar e reconstituir a narrativa histórica sobre o período do primeiro mandato de Jaime Lerner a frente da prefeitura de Curitiba. Essa reconstrução terá como fio condutor o processo de constituição da identidade desta organização-cidade em torno as categorias de Albert e Whetten (*APUD* NOGUEIRA, 2007; FERNANDES; MARQUES; CARRIERI, 2009; WHETTEN; GODFREY, 1998), ou seja, iremos nos deter nos elementos reconhecidamente duradouros, e que também sejam percebidos como fatores centrais e de distinção da organização-cidade analisada.

Para tanto, teremos duas etapas fundamentais: i) levantamento e leitura de material bibliográfico; e ii) escrita de narrativa historiográfica. Esta última, será realizada em três focos, analisados de forma complementar, seguindo proposta de Stefani e Vizeu (2014) para a análise sócio-histórica. São estes:

1. Biografia do sujeito-histórico central na análise;
2. Condições sociais vigentes à época e região;
3. Mapeamento histórico do objeto em si (primeira gestão de Lerner).

A partir desta reconstrução sócio-histórica, poderemos avaliar o objeto teórico em estudo, que é a construção da identidade da organização-cidade de Curitiba. Este último momento será aquilo que Thompson (2000) chama de re-interpretação do pesquisador social, feita a partir da congruência entre a análise sócio-histórica e os elementos de fundamentação teórica. Esta etapa será apresentada em um capítulo denominado por “Discussão”.

Procedimentos de Coleta de dados

Conforme já foi mencionado, o objeto empírico de estudo refere-se à primeira gestão do prefeito Jaime Lerner a frente da Prefeitura Municipal de Curitiba (1971-1975) e, neste papel, o impacto de sua gestão na mudança identitária desta organização-cidade. Isto remete ao fato deste projeto tratar-se de um estudo onde seriam privilegiadas fontes históricas. Da mesma forma, esta pesquisa se trata de um estudo de caso, havendo o desafio em levantar informações e dados relevantes e suficientes para a solução do problema de pesquisa, que é o de analisar o processo de constituição da identidade da organização-cidade de Curitiba.

Sendo assim, o procedimento de coleta escolhido foi a análise documental de material disponibilizado em Arquivos da Biblioteca Pública do Paraná, complementado pelos documentos do acervo do do Instituto Jaime Lerner. Optamos por este tipo de fonte pelo fato de que, comparada a outras categorias de fontes para a organização-cidade, as chances de encontrarmos nesses arquivos conjuntos de documentos completos e relevantes são maiores: tais acervos públicos geralmente apresentam documentação vasta, organizadas em coleções seriadas completas. Esse é o caso da coleção identificada como principal fonte de dados, os microfilmes das edições do jornal Gazeta do Povo, bem como de boa parte dos documentos do acervo do Instituto Jaime Lerner. Como sugere Silva (2004), os arquivos devidamente estruturados permitem empreender um levantamento de dados e eventos com menor probabilidade de se deparar com lacunas ou descontinuidades.

Como pretendemos levantar somente as principais reportagens sobre as ações da gestão de Lerner no período de 1971 a 1975, teremos como corpus textual de análise (BAUER; AARTS, 2002) as edições de domingo publicadas no período compreendido entre 1971 e 1976. Essa ampliação de um ano a mais em relação ao período do nosso corte histórico é intencional, por considerarmos que esta estratégia ajudará na busca de manchetes que reflitam o pensamento popular antes e depois das obras implantadas, especialmente aquelas de maior polêmica, como foi o caso do fechamento da rua XV. A consulta destes jornais se deu através da busca no acervo eletrônico deste jornal junto a Biblioteca Pública do Paraná, que conta com todos os exemplares microfilmados do período em análise.

Em relação as fontes complementares ao jornal, os documentos históricos investigados serão levantados junto ao Instituto Jaime Lerner (IJL), instituto este criado para arquivar, disseminar e debater as ideias e obras deste conceituado político e arquiteto.

O acervo do Instituto Jaime Lerner (IJL) é administrado pela filha do ex-prefeito de Curitiba, a senhora Ilana Lerner. Esta é a curadora e conta com o auxílio

de uma bibliotecária, sendo o acervo mantido com recursos próprios da família. Contém todos os materiais produzidos durante as administrações de Jaime Lerner a frente do IPPUC (1965 - participando da sua criação), três vezes prefeito de Curitiba (1971 - 1975 / 1979 - 1984 / 1989 - 1992) e por duas vezes governador do Estado (1995 - 1999 e 1989 -1992). Também reúne material do escritório de arquitetura e urbanismo (Jaime Lerner Arquitetos Associados) relativo aos projetos produzidos, nacional e internacionalmente.

O acervo, portanto, reúne fundos e coleções predominantemente produzidos, transferidos ou recolhidos de forma sistemática e que dizem respeito à trajetória pessoal, profissional e política do ex-prefeito Jaime Lerner, bem como publicações de outra natureza que simplesmente façam menção ao seu nome. Muitos materiais resumem-se a plantas, esboços e maquetes relativas às obras implantadas, principalmente, na cidade de Curitiba. Encontram-se também arquivos magnéticos com os e-mails e objetos de comunicação.

O acesso aos documentos neste arquivo ainda não está aberto ao público em geral e foi necessária autorização especial para isso. Tivemos o auxílio técnico da bibliotecária para o adequado manuseio dos documentos e fomos autorizados a reproduzir imagens e documentos.

Tratamento e análise de dados

Conforme já mencionado, a etapa empírica do presente trabalho consiste na construção de uma narrativa histórica sobre a primeira gestão de Jaime Lerner frente a prefeitura de Curitiba (1971-1974). Está será elaborada a partir de três momentos: i) a trajetória biográfica de Jaime Lerner; ii) as condições históricas mais amplas da época e da região; e iii) a análise historiográfica da primeira gestão de Lerner na prefeitura de Curitiba.

Especialmente em relação aos momentos um e dois (mas não exclusivamente), teremos por base principal as fontes históricas secundárias, ou seja, os trabalhos acadêmicos publicados em periódicos ou na forma de livros que tratam da história de Curitiba e do Paraná. Estes serão os textos constados no quadro 1. Para essa reconstrução de narrativa historiográfica, também nos serviremos de informações que eventualmente irão emergir no momento da análise dos textos jornalísticos; todavia, estes serão considerados principalmente para a elaboração da narrativa historiográfica do momento três.

Em relação ao momento três, o *corpus* textual será constituído através dos acervos das mídias impressas do Jornal A Gazeta do Povo, disponíveis na Biblioteca Pública do Paraná. Como estes estão microfilmados, faremos o registro fotográfico de todas as páginas para facilitar o posterior manuseio do material. Este será complementado por outros textos jornalísticos ou de outras mídias identificados nos arquivos do Instituto Jaime Lerner. A escolha dos documentos complementares se dará de acordo com o interesse central da pesquisa, ou seja, documentos do acervo do IJL que tratam de forma específica os elementos relacionados à temática das obras públicas, medidas e outros eventos associados a política de urbanismo do ex-prefeito Jaime Lerner em seu primeiro mandato.

Em relação a análise do processo de identidade da organização-cidade propriamente dito, iremos utilizar como referências os conceitos levantados no quadro teórico para orientar nosso olhar. Ou seja, a partir da construção de uma narrativa historiográfica sobre a primeira gestão do prefeito Jaime Lerner, iremos identificar e analisar os pontos que caracterizam o processo de construção da identidade da organização-cidade de Curitiba. O resultado desta análise será apresentado em um capítulo próprio, denominado por “Discussão”.

Construção da Narrativa histórica (Preliminar)

Curitiba tem uma história particular, mas que não difere muito de outras cidades brasileiras. Nas primeiras décadas do século XX Curitiba precisava passar por um processo de modernização. Graças à produção de erva-mate os moradores da capital paranaense experimentaram uma vigorosa mudança na paisagem urbana. Os bondes puxados a cavalo foram substituídos, no centro da cidade, por modernos bondes elétricos. Surgiram cinemas, teatros. Recuperou-se o Passeio Público.

Aquela Curitiba já pressentia os ventos da mudança. Começava a sofrer os impactos da forte transformação na economia do Estado, movida por um projeto de industrialização centralizado na capital, na modernização e tecnificação agrícola, com inserção na pauta de "commodities", e em severa concentração fundiária. Resultado imediato dessa transformação foi o intenso êxodo rural, com destino preponderante para Curitiba e entorno.

Nessa época, Curitiba experimentava a implementação de seu Plano Diretor, aprovado em 1966 e construído em um processo aberto, cuja empresa executora foi eleita em concurso público, o Plano dava continuidade ao planejamento iniciado em 1943, com o Plano Agache. Esse plano projetava para a cidade um desenho radioconcêntrico, setores especializados, tais como o Centro Cívico, área industrial do Rebouças, Cidade Universitária, onde é hoje o Centro Politécnico, Centro Militar, no Bacacheri – e sistema viário hierarquizado. Mas nada disso tornaria eficaz o planejamento, não fosse à continuidade administrativa que sustentou sua implementação. Jaime Lerner, personalizando o processo, assumiu o município por três gestões, e apoiou a eleição contínua de dois sucessores, um reeleito. A atual administração, embora sem seu apoio formal, não rompe vínculos nem propósitos com o grupo e projeto hegemônicos. Assim, foram curtos os intervalos nos quais forças de outros grupos políticos administraram a cidade, dificultando mudanças substanciais no projeto. Evidentemente, sem a contínua gestão do Plano pelo IPPUC, o sucesso seria incerto. Esse Instituto foi preservado mesmo durante os períodos de oposição, consolidando os princípios estruturadores do Plano. Assim, a estratégia adotada se atualiza e se aperfeiçoa ao longo dos anos. Assume seletivamente as sínteses “cidade modelo”, “cidade humana”, “cidade planejada”, “capital ecológica”, “capital da qualidade de vida”, “capital brasileira de Primeiro Mundo”, sem implicar em rupturas incisivas na estrutura básica que organiza o fundo de percepções socialmente compartilhadas desde a década de 1970. Pelo contrário, solidifica uma atualização radical do exercício do poder e de gestão urbana local, associada à construção da cidade-mercadoria, cuja afirmação tem vínculos históricos com o contexto de profundas mudanças nas atividades econômicas, fluxos de consumo e de circulação de bens e serviços na metrópole.

Segundo uma pesquisa realizada pelo IUPERJ (Centro de Pesquisas e Ensino de Pós-graduação em Ciências Sociais do Rio de Janeiro), o verdadeiro processo de mudança em Curitiba, aquele que a transformaria em um exemplo de modernidade pública, começou em 1962. A partir desta data a história de Curitiba pode ser dividida em três fases:

1962 - 1966 - Período cuja principal característica foi à institucionalização da decisão de planejar e criar os instrumentos para o processo de modernização. Foram criadas agências, planos, órgãos e grupos de acompanhamento, tais como o CODEPAR, URBS, SERETE/J.WILHEIN (grupo local de acompanhamento), Plano Preliminar, Plano Diretor e IPPUC. Este último acabaria se tornando a principal agência de planejamento da cidade.

1966 - 1970 - Período em que se deu o conflito de visões e prioridades entre os projetos elaborados pela agência de planejamento (IPPUC) e as obras efetivamente realizadas pela administração municipal. Este período ficou conhecido como "geladeira do IPPUC", pelo esvaziamento a que foi submetido permitiu que o instituto elaborasse os principais projetos que seriam posteriormente implantados. Um dos presidentes do instituto nesse período foi Jaime Lerner (1968 - 1969).

1970 - 1974 - Período da implementação, quando coube ao IPPUC não apenas pesquisar e planejar, mas também coordenar e gerir a implantação do Plano Diretor. Esse período foi chamado de Período da Institucionalização do Planejamento Urbano e do IPPUC como a sua principal agência. Nessa fase Jaime Lerner foi nomeado prefeito de Curitiba. Aqui ocorreram as intervenções propriamente ditas, com a implantação do sistema de transporte coletivo, calçadão da Rua XV, construção de dois grandes parques públicos (Parque Barigüi e Parque São Lourenço). Aqui nesta fase delimitamos os nossos estudos.

Na literatura jurídica do Município de Curitiba, parques e bosques, por exemplo, aparecem pela primeira vez dentro da política de preservação das áreas arborizadas públicas da cidade, definida com base no Código de Posturas e de Obras do Município (Lei nº 699/53) e no Plano Diretor de 1965. Contudo, até o final dos anos 60, apenas o Parque da Barreirinha havia sido implantado, aproveitando uma área já pertencente ao Horto Municipal. Além desse, havia o Passeio Público, fundado no século XIX, num total de dois parques públicos. No período 1972-82 foram criados três parques e três bosques, correspondendo a quase 10 milhões de m² de área verde criados, ou seja, 2,31% de área do município preservada, num acréscimo de quase 10 m² de área verde/habitante. Nenhum outro período da história de Curitiba conheceria um incremento tão radical de áreas verdes urbanas. Mas conforme Oliveira (2001), o sentido geral da criação dos parques e bosques curitibanos concentrou-se, fundamentalmente, nos três primeiros parques (Iguaçu, Barigüi e São Lourenço), criados nos anos 70, década de maior incremento nas áreas verdes públicas no município. A função desses parques, no momento em que foram idealizados, uniu de um lado a antiga ideia "de dar água à cidade" do então arquiteto do IPPUC dos anos 60, Jaime Lerner, e, de outro, uma solução técnica encontrada para combater enchentes na cidade, surgida quando da grande enchente que vitimou a antiga usina de curtume do São Lourenço no começo dos anos 70, quando o mesmo Lerner era Prefeito da cidade. Vingou nesse momento a

ideia de dar água à cidade emoldurando essa “água” com áreas verdes, através de obras de saneamento e infraestrutura urbana que evitassem ao máximo possível o problema das enchentes. Nascia assim a política de criação de grandes parques (com grandes lagos reservatório em seu interior), de bitarria de circunstâncias pontuais e não necessariamente ecológicas.

A partir de meados dos anos 70 e durante a década de 80, a "modernidade urbana" significou "equipar a cidade", dotando Curitiba de "instrumentos urbanos em todos os setores da recreação, educação, terminais de transporte e de abastecimento". Datam deste período os principais projetos na área de transporte coletivo, embelezamento, restauração dos sítios históricos, padronização da paisagem urbana, implantação de áreas de lazer (tais como parques e bosques), colocando na cidade a alcunha de "modelo de urbanismo". Enfim, a cidade de Curitiba é percebida desde então como "a mais inovadora cidade do país", despertando em seu cidadão, o sentimento de orgulho, de pertencer a esta cidade. É o nascimento da identidade coletiva na organização-cidade de Curitiba.

Segundo dados oficiais, a área de atuação da Prefeitura Municipal vai desde as creches, passando pela segurança até a educação ambiental. Aparentemente tudo isto seria o resultado do antigo (embora atual) projeto de "modernidade urbana" presente no Plano Diretor, que é a marca característica da própria cidade. Um plano que hoje é expresso na forma de um planejamento **contínuo**, racional e humano, elevado à condição de “patrimônio” da cidade, influenciando a ideia de identidade junto ao cidadão curitibano.

Acaso devemos procurar as raízes desse discurso no sucesso do incremento do Plano Diretor ou tudo não passaria de um marketing extremamente bem feito, visto que a gestão contou com o apoio "involuntário" de alguns órgãos de imprensa. Exemplo é o caso da reportagem de capa da Revista nacional Veja e do constante apoio do jornal 'A Gazeta do Povo'. Um discurso acompanhado de um guia para ação, ou seja, reflexões que estavam orientando as ações municipais sobre o tecido urbano como um todo e não apenas sobre o meio ambiente urbano. O todo aqui poderá englobar a identidade coletiva.

Referências

ARRUDA, R. F.; PEREIRA, L. Z. Estudo sobre Identidade Organizacional com Professores de Graduação de um Centro Federal de Educação Tecnológica. **Revista Ciências Administrativas**, v. 18, n. 1, p. 110-133, 2012.

BACKES, A. L. Subjetividade no trabalho e mudança organizacional: sustentação e reconstrução identitária do funcionário. **Revista Administração em Diálogo**, v. 14, n. 3, p. 24-53, 2012.

BARNEY, J. B.; HESTERLY, W. S. **Administração estratégica e vantagem competitiva**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, p.39-63.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BEGA, M. T. S. **Planejamento, Espetáculo e a construção do cidadão consumidor**: as imagens de Curitiba. Curitiba: [s.n.] 1998.

BERGAMINI, C. W. **Liderança**: administração do sentido. São Paulo: Atlas, 1994.

BEYDA, T. T.; MACEDO-SOARES, D. V. A. Identidade organizacional: análise crítica da produção acadêmica brasileira de 2004 a 2009. **Revista de Administração**, v. 45, n. 4, art. 7, p. 400-414, 2010.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T.; **A Construção Social da Realidade**. Editora Vozes, 2004.

BOULART, I. B.; LANZA, M. B. F. Identidade das pessoas e das organizações. **Revista Administração em Diálogo**, v. 9, n. 1, p. 1-18, 2007.

BURKE, P. **A escrita da história**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

CALDAS, M.; WOOD JR., T. Identidade organizacional. **Revista de Administração de Empresas**, v. 37, n. 1, p. 6-17, 1997.

CAMARGO, G. L. V. Esculturas públicas em Curitiba e a estética autoritária. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, n. 25, p. 63-82, nov. 2005.

CAROLLO, B. Alfred Agache em Curitiba e sua visão de urbanismo. **Dissertação** (Mestrado em Arquitetura). Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

DAMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Editora Sala, 1984.

DAVEL, E.; MACHADO, H. V. A dinâmica entre liderança e identificação: sobre a influência consentida nas organizações contemporâneas. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 5, n. 3, p. 107-126, 2001.

ESTHER, A. B. A construção da cultura e da identidade organizacionais na empresa familiar de pequeno porte: o papel do empreendedor fundador. **Revista Organizações em Contexto**, v. 10, n. 20, p. 205-242, 2014.

FERNANDES, M. E. R.; MARQUES, A. L.; CARRIERI, A. P. Identidade organizacional e os componentes do processo de identificação: uma proposta de integração. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 7, n. 4, art. 11, p. 687-703, 2009.

FISCHER, T. A cidade como teia organizacional: inovações, continuidades e ressonâncias culturais — Salvador da Bahia, cidade puzzle. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 74-88, maio/jun. 1997.

HATCH, M. J. **Organization theory**: modern, symbolic and postmodern perspectives. New York: Oxford University Press, 1997.

MAC-ALLISTER, M. A cidade no campo dos estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 11, edição especial, p. 171-181, 2004.

MACHADO, H. V. Identidade organizacional: um estudo de caso no contexto da cultura brasileira. **RAE-eletrônica**, v. 4, n. 1, art. 12, p. 1-18, 2005.

MACHADO, H. V. A identidade e o contexto organizacional: perspectivas de análise. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 7, Edição Especial, p. 51-73, 2003.

MACHADO-DA-SILVA, C.; NOGUEIRA, E. S. Identidade organizacional: um caso de manutenção, outro de mudança. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 5, n. n.spe, p. 35-58, 2000.

MENEZES, Claudino L. **Desenvolvimento urbano e meio ambiente**: a experiência de Curitiba. Campinas: Papirus, 1996.

MIRANDA, A. R. A.; CAPELLE, M. C. A.; MAFRA, F. L. N.; MOREIRA, L. B. Trabalho, Socialização e Identidade: Um Estudo Com Professoras-gerentes de Uma Universidade Pública. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 20, n. 2, p. 353-375, jul. 2015.

MOURA, R. O turismo no projeto de internacionalização da imagem de Curitiba. Turismo: Visão e Ação. Itajaí: **UNIVALI**, vol. 9, n. 3, p. 341-357 set. /dez. 2007.

MOURA, R. **Curitiba**: construção e desconstrução de um mito. 2014. Disponível em: <http://www.mobilizacuritiba.org.br/files/2014/04/Curitiba-constru%C3%A7%C3%A3o-e-desconstru%C3%A7%C3%A3o-de-um-mito.pdf> Acesso em: 07. jun. 2015.

NADALIN, S. O. **Paraná**: ocupação do território, população e migrações. Curitiba: SEED, 2001.

NOGUEIRA, E. Símbolo e identidade organizacional - função da figura ou imagem conceitual. **RAC-Eletrônica**, v. 1, n. 2, p. 81-96, 2007.

OLIVEIRA, M. A trajetória do discurso ambiental em Curitiba (1960-2000). **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, vol. 9, n. 16, p. 97-106, Jun, 2001.

OLIVEIRA, D. **Urbanização e industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2002.

PEREIRA, M. R. M. **Semeando iras rumo ao progresso**. Curitiba: Editora UFPR, 1997.

PIMENTEL, T. D.; CARRIERI, A. P. A espacialidade na construção da identidade. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, n. 1, art. 1, p. 1-21, 2011.

PORTER, M. E. **Estratégia competitiva**: técnicas para análise de indústrias e da concorrência. Rio de Janeiro: Campus, 1986.

RIBEIRO, R. M. Planejamento urbano, espaços públicos de lazer e turismo no bairro Uberaba em Curitiba - PR. 2005. 135f. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – UFPR, Curitiba, 2005.

SANCHEZ, F. P. Curitiba: a imagem urbana revisitada – comunicação, cultura e planejamento. **Anais...** Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Urbanismo – ANPUR, 1999, p. 144-159. Porto Alegre: ANPUR, 1999.

SÁNCHEZ, F. **Cidade espetáculo**: política, planejamento e city marketing. Curitiba: Editora Palavra, 1997.

SÁNCHEZ, F. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. Chapecó: Argos Ed. Universitária, 2003.

SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P. Organização-cidade: proposta de avanço conceitual a partir da análise de um caso. **Revista de Administração Pública**, v. 46, n. 2, p. 547-576, 2012.

SILVA, J. A. Tecnologias da informação digitalizada e pesquisa acadêmica nas ciências sociais e humanas: o papel crucial da arquivologia de Charles Dollar. **Revista Estudos Históricos**, v. 7, n. 13, p. 65-80, 1994.

SPINK, P. Análise de Documentos de Domínio Público In: SPINK, M. J. (org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013, p. 100-126.

STEFANI, D.; VIZEU, F. Contribuições da Análise Sócio-Histórica à Pesquisa Organizacional e da Administração. **Perspectivas Contemporâneas**, v. 9, p. 187-209, 2014.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

VIACAVA, V. M. R. Em busca da Curitiba perdida: os mecanismos da construção de um identidade curitibana. **História agora**, vol. 7, p. 1-17, 2009.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina Ltda, 1988.

WHETTEN, D. A.; GODFREY, P. C. **Identity in Organizations**: Building Theory Through Conversations. London: SAGE, 1998.